

**DO FOLE A SANFONA: TRAMAS DE GÊNERO  
NOS ‘FORRÓS’ DAS ‘BRAÚNA’**

Janielly Souza dos Santos  
Licenciada em História – UEPB  
([janiellysouza@yahoo.com.br](mailto:janiellysouza@yahoo.com.br))

Pensar o cotidiano como possibilidade de estudos históricos, é perceber a construção de relacionamentos diversos entre os sujeitos e seus espaços sociais e culturais de vivências. Neste contexto, perceber a dimensão relacional destas vivências é também refletir a categoria de gênero, partindo da perspectiva que essa categoria, “permitiu, portanto, sexualizar as experiências humanas, fazendo com que nos déssemos conta de que trabalhávamos com uma narrativa extremamente dessexualizadora, pois embora reconhecamos que o sexo faz parte constitutiva de nossas experiências, raramente este é incorporado enquanto dimensão analítica.” (RAGO, 1998: 92)

A construção dos relacionamentos entre homens e mulheres em seus espaços de movimentação é social e histórico, na medida em que estes ao assumirem papéis múltiplos, tornam-se promotores de experiências, e, conseqüentemente, ativos em meio a sua sociedade e suas representações. Desta forma, “a categoria de gênero não vem substituir nenhuma outra, mas atende à necessidade de ampliação de nosso vocabulário para darmos conta da multiplicidade das dimensões constitutivas das práticas sociais e individuais.” (Idem, p.93)

Operando aqui com o conceito de experiência que acontece no sujeito e o transforma, há uma busca de construir uma leitura dos corpos nos “forrós” de Baraúna – PB, nas décadas de 50 e 60 do século XX, pela captura das narrativas dos sujeitos, que os experimentaram. Uma captura das ações e sentimentos, das suas experiências. Um debruçamento sobre os corpos masculinos e femininos, sobre as sensibilidades que emergem a partir deles.

Quando Jorge Larrosa nos afirma que “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação”, ele nos instiga a pensar os corpos que habitaram os “forrós” na zona rural de Baraúna nos anos de 50 e 60, como sujeitos formados e transformados nestes espaços; já que suas experiências, que emerge pelas narrativas hoje, é resultado de relacionamentos múltiplos nestes espaços do bailar e de sociabilidades. Neste campo de ação,

[...] nessa interação entre passado e presente, nessa recriação através das experiências diversificadas dos sujeitos pressupomos a atuação do gênero [...] Quem narra suas lembranças, recria e comunica experiências marcadas pelas diferenciações estabelecidas pelas construções de gênero”. (KOFES e PISCITELLI, 1997: 347)

A história oral entra em cena enquanto arte, que se constrói pela própria ‘arte de dizer’, fazendo com que um leque de possibilidade se abra para a leitura de corpos masculinos e femininos nos “forrós”. No momento em que os sujeitos narram trajetórias, ações, valores, atores e enredos, eles acabam por (re)construir cenários de suas vivências, de suas experiências, que os formaram e o transformaram. Neste sentido, “Interpretar o passado é dar vida a suas possíveis figuras, é recortá-lo, revivê-lo, encarnando-o em seus possíveis rostos, em suas possíveis gesticulações, em seus diferentes disfarces e com suas inúmeras astúcias.” (ALBUQUERQUE JR., 2007: 171)

Na medida em que os corpos masculinos e femininos são pensados como documentos, documentos aqui produzidos pela narrativa da memória, os corpos são propostos como fontes que inscrevem e são dadas a escrever pelas múltiplas experiências vivenciadas. Como pergaminhos que inscrevem e estão para serem analisados pelos pesquisadores, os corpos nos “forrós” se colocam para a reflexão histórica como documentos plausíveis a leituras. Lacemos agora leituras sobre esses corpos. Convém observar, leituras que estabelecem olhares sobre o(s) outro(s).

Ao nos debruçarmos sobre os corpos femininos e masculinos, que propuseram-se habitantes dos espaços dos “forrós” em Baraúna - PB, há a necessidade de percebermos toda uma preparação antes de adentrar estes espaços. Era chegado o momento de se arrumar adequadamente para poder ir habitar os espaços de sociabilidades e divertimentos, cujo cenário era o “fórró”. A senhora J.M.N. (71 anos), nos dá uma idéia de como eram os preparativos, ao afirmar que: “[...] *na época agente tinha que tomar banho, é, se vestia bem, bem vestida, e ia, num era qualquer roupa não.*” Na tecelagem de um corpo desejante (e desejado) a higienização do corpo aparece como ideal social a ser seguido.

A vestimenta usada para enaltecer e tornar desejante o corpo feminino, principalmente por parte das moças, ansiosas por um namoro e/ou um casamento, vem à tona pela narrativa da senhora J.M.N.,

“É, tinha uma roupa que eu gostava muito dela, chamava-se babado de Gilda, era um babado assim em baixo, era babado de Gilda, é [...] assim [...] sem manga eu também nunca gostei, de usá não. Naquela época, né, gostei não. Aí eu usava, assim, uma manguinha, assim, num era quimono, que nesse tempo chamava-se, né, era manguinha curta [...] que era muito escandalosa não. É, babado de Gilda e, é, godê, [...] usava muito godê, reverso.

[...]

Comprida, longo, chamava-se longo, né. Gostava muito de colocá umas sianinhas, chama-se sianinha, assim [...] Ficava muito lindo, uma sianinha [...] Aí tinha, assim [...] chamava-se babado de Gilda e [...] todinha cheinha de babado, ou então, godê duplo e godê buraco [...] godê buraco, é [...] eu gostava[...] agora, e reverso, agente também usava muito, só num é muito escandaloso, nesse tempo, num usava muito escandaloso não, mas, sim [...], usava mais vestido. Esse negócio de saia e brusa, não. Na minha época [...], só se era outras pessoa, mas num lembro não [...] era somente vestido, agora muito franjido, franjido, a coisa mar linda. Eu mandei uma mulé fazer um vestido, a coisa mar linda, ela fez pra mim, era inté de falho.”

Apresentar-se bem vestida nos espaços dos “forrós” era uma das maneiras da moça pretender-se a um bom partido na década de 50 e 60. “O *flerte*, ou o namorico – galanteios, olhares e gestos sedutores – poderia conduzir a um *compromisso mais sério* (o namoro).” (BASSANEZI, 2004: 614). Todavia, essa pretensão de mostrar-se bem apresentável não era ideal somente edificado para o corpo feminino, o homem também deveria tornar-se um bom partido, um corpo a ser desejado.

Neste âmbito, quando o senhor J.G.S. (79 anos) narra às vestimentas interessantes à entrada dos espaços do bailar, dos “forrós”, ele coloca o corpo masculino investido de todo um jogo de representações, disposto a atrair a dama desejada, e seus familiares, já que o apoio destes últimos era primordial ao namoro, ao compromisso. O palitó, aparece neste contexto, como instrumento precursor de uma boa apresentação, uma aparência que se faz desejante. Segundo o senhor J.G.S.: “*Bem sim, de, de palito, que nesse tempo só tinha futuro se fosse [...] pessoa bem [...] Ia também manga de camisa, viu, mas era mais adequado [...]*”

O senhor M.G.A.B. (78 anos), ainda acrescenta outro elemento à vestimenta do corpo masculino na década de 50, que acaba por reforçar o ‘bom futuro’ do partido ideal às moças de família. Conforme o senhor M.G.A.B.,

“Era, tudo ingratado, era tudo impalitosado, na gravata, e dançano, e o fo [...], e o sanfo [...] neste tempo, os forró era cum essas sanfoninha de oito

baxo, era de oito baixo, quem tocava era Zuzú, lá de Nova Paimera, no forrozim, numa sanfoninha, oito baixo.”

Não somente a opinião da moça e/ou de sua família servia para tornar o rapaz, um bom partido, mas a opinião do grupo social era primordial para o rapaz ser considerado ‘de futuro’. Para tanto, o jogo de boas impressões a serem marcadas perpassava a comunidade toda habitante destes espaços de sociabilidades, que os “forrós” se configuravam.

Nos anos 60, além do palito, recomendado aos homens para utilização nos espaços dos “forrós”, criou-se outros modelos de vestimenta para o homem. É o caso da grande novidade daquela década, as camisas volta-o-mundo, como aponta o senhor C.L.C. (64 anos), *“as camisas volta-o-mundo, eu sei que tinha tempo aqui que se você fosse uma festa num pissuísse uma camisa volta-o-mundo... num ta vestido não.”*

Memórias gestadas a partir de experiências construídas possibilitam pensar os sujeitos masculinos e femininos para além de uma oposição binária. Os sujeitos ao se colocarem diversificados pelas produções sociais e culturais que lhe afetam, não esquecendo as esferas econômicas, políticas e religiosas, se projetam no relacionamento com o(s) outro(s) pela multiplicidade de configurações. Apesar de uma sociedade propor diferentes papéis a serem desempenhados por homens e mulheres, em alguns momentos, mesmo que de forma sutil, pensamentos de ambos confluem, a exemplo da construção de uma imagem de si bem apanhada para abarcar boas impressões nos “forrós”.

As propostas de vivências para homens e mulheres são colocadas pela sociedade, cabe a estes assumirem e/ou não, reinventá-las e/ou não. Desta forma, não significa dizer que ao se está assumindo uma regra o sujeito seja passivo no seu meio. O próprio ato de assumir regras comportamentais coletivas o torna ativo no seu meio. Também quando se reiventa uma norma, não se está rompendo com os ideais da sociedade totalmente, algumas propostas estão imbricadas nos sujeitos e não podem desaparecer de repente. Partindo deste princípio, não se pode pensar a dualidade do ser ou não ser, mas a confluência efetivada pela reelaboração.

Neste campo de ação, alguns corpos masculinos e femininos podem colocar-se diante de códigos comportamentais de uma sociedade de maneira a assumi-los e/ou reiventá-los, apesar que, no último caso, sutilmente, quebrando a dualidade proposta pela sociedade como caminho, ‘assumir ou não?’. Nesta perspectiva, convém pensar essa trama histórica, assim como Durval Muniz nos propõe:

“A história seria movimento, seria ação criativa, invenção constante de novos lances, mesmo que seus sujeitos estejam limitados por regras, por normas, tenham que obedecer a regulamentos. A história é possível porque os homens, mesmo limitados por um dado contexto, por um conjunto de regras e prescrições, mesmo atuando em um espaço e um tempo delimitados, são capazes de driblar a potência do mesmo e a imposição da repetição e criar o diferente, a novidade, de produzirem a surpresa e o inesperado.” (ALBUQUERQUER JR. , 2007: 173)

Nos “forrós”, regras de conduta eram postas para os corpos femininos e masculinos. Não era permitido burlá-las diretamente, pois caso acontecesse este sujeito, homem ou mulher, seria privado da possibilidade de divertimento nestes espaços. Uma das regras colocadas à mulher, quando estava participando da ‘brincadeira’ dançando era não poder deixar de dançar com nenhum ‘cavaleiro’ que a convidasse. Para tanto, o mestre-sala, responsável por tomar conta da festa, saia perguntando as moças quem gostaria de dançar. O senhor C.L.C., um mestre-sala que vivenciou os “forrós” assumindo o posto de anfitrião destes espaços, faz emergir esse código comportamental ao dizer: *“Aí, quem fosse dançá, eu saia perguntano, ‘vai dançá?’, ‘vô’, ‘vai dançá?’, ‘vô’. Olhe, puque naquele tempo, se dizia assim, num é pra dá corte, si fosse, se dé corte in alguma pessoa você vai fazê café, nera, era continua né?”*

Como eram os homens que convidavam as damas para dançar, estas por sua vez não podiam dizer não, dar ‘corte’ no ‘cavaleiro’. Caso o ‘corte’ fosse efetivado, a mulher seria punida, indo para a cozinha fazer café, ficando longe do salão, ou ficando neste salão, porém no canto de parede, pois esta ‘cavalera’ não podia mais dançar. Pela arte de dizer da senhora J.M.N., observamos esta proposta comportamental estabelecida para as mulheres:

“Agora só que tinha uma coisa, que a gente não podia dá corte em cavaleiro, é, se desse um corte num cavaleiro ficava logo num canto de parede, lá [...] que num dançava mais não, tinha que dançá, que gostasse bem, que num gostasse tinha que enfrentar.”

Porém, como as experiências vivenciadas colocam a História em movimento, dribles forma produzidos de maneira a romper com situações propostas, com as regras estabelecidas, mesmo que de forma indireta e sutil; “a partir das mesmas regras, é possível jogar inúmeras partidas” (ALBUQUERQUER JR. , 2007: 172). Nesta perspectiva, a senhora J.M.N. acrescenta,

“Eu era meia sapeca, aí o cavaleiro que eu não gostava de dançar com ele, eu pisava nos pés dele pra ele num chamar nunca mais eu, porque eu tinha um namorado, né, aí o meu namorado num gostaria que eu dançasse cum soutros, mas tinha que í [...] o cavaleiro chamasse a pessoa, a pessoa tinha que í, né, aí o meu namorado num gostava que eu fosse dançar cum outro, aí então eu fazia isso, quera pra só pra dançar cum meu namorado, né.”

É interessante perceber que nos anos dourados o namoro propunha-se a partir de todo um conjunto de regras sociais. O rapaz deveria ser respeitador, correto e de bom caráter; a moça deveria comportar-se adequadamente para não ficar mal faladas e desviarem-se do bom caminho. De acordo com Carla Bassanezi,

“As moças de família eram as que se portavam corretamente, de modo a não ficarem *mal faladas*. Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes. Eram aconselhadas a comportarem-se de acordo com os princípios morais aceitos pela sociedade.” (BASSANEZI, 2004: 610)

Nos “forrós” os códigos comportamentais, principalmente por parte das mulheres, não eram muito diferentes dos assumidos no dia-a-dia para além destes espaços; contudo, algumas moças, em momentos oportunos lançavam mão de jogadas arriscadas para satisfazer desejos. É ainda a senhora J.M.N. que nos narra essas peripécias em conjunto com as regras anunciadas,

“Ah! Ah! Só iam acompanhada, e nessa época, eu vou ti falar, num é que nem hoje, é..., se o rapaz, é, pegasse meno na mão da moça... Ah! Minha fia, era, saía da sala... então,... sai de sala logo porque... é, é... aí nem beijim, num tinha essa história de bejo, nem nada,... podia até acontecer, purquê toda vida foi meio assim, né, mais escondido das mães, dos pais, até acontecia né,... Eu era muito sapeca aí eu, no tempo que ia pros forró... minha mãe... sempre gostava de butá nós na frente, e ela ficá atrás, né, aí nós sempre, e foi num foi, fazia umas besteiras, pegava na mão dele, tudo mais, soltava de um momento, soltava ligerinho, avechado... porque aí tinha... mode ela num vê.. era assim desse jeito.”

Nesta fala da senhora J.M.N. observa-se três momentos que nos ajuda a compreender o cotidiano da sociedade ruralizada das ‘Braúna’ nos anos 50 e 60, bem como, dos forrós que aconteciam nestes espaços. Corpos masculinos e femininos eram definidos de maneira a atender preceitos sociais, contudo nem sempre os preceitos eram alcançados.

No primeiro momento de sua fala, a senhora J.M.N. faz vir à tona costumes que deveriam ser assumidos, ao nos transmitir que as moças somente iam acompanhadas

para os “forrós”. A boa companhia das moças era um status pretendido para a moça de família, neste caso, a companhia da família era a mais valorizada. Vigiar os corpos dos rapazes e moças solteiras era forma de buscar uma aprovação social para estes serem considerados bons partidos. Neste caso, principalmente as moças se deparavam com os olhares vigilantes.

No segundo momento, quando esta senhora fala que na sala, onde se dançava, e conseqüentemente em outros ambientes dos “forrós”, não podia os namorados beijarem-se e nem ao menos pegar na mão, vem à tona a moral sexual da época, que proibia a experiências que levassem ao afloramento dos desejos sexuais por parte das mulheres. Mesmo quando ambos os corpos, masculinos e femininos, eram chamados a atenção e a serem retirados do salão, a proposta acentuada era de defesa da sexualidade feminina. “A moral sexual dominante nos anos 50 exigia das mulheres solteiras a virtude, muitas vezes, confundida com ignorância sexual e, sempre, relacionada à contenção sexual e à virgindade.” (BASSANEZI, 2004: 613)

A reputação de uma jovem era uma jóia preciosa para a família, e por isso, era guardada por todos. O senhor J.G.S. nos fala que para dançar com as moças, muitas vezes, tinha-se a necessidade de pedir aos pais, e estes últimos somente deixavam se o ambiente fosse conveniente. Segundo seu J.G.S.,

“Claro que tinha que pedi, aos pais, pru mode, se ele achasse que lá o ambiente era conveniente, consentia a, as moças í dançá, as fia, como si diz. E se ixistia um negócio, que num era conveniente, ele também num, num consentia. A orde era, ela é, era ela severa, como se diz.”

Com relação a essa moralização dos corpos femininos nos “forrós”, o senhor C.L.C., acrescenta,

“Naquele tempo, você chegava, você chegava numa sala, tinha, era escolhido as moça pra dançá se, comparação, a menina chegasse cum duas moça pra dançá no mei daquele pessoal, se visse uma pessoa diferente, ninguém quiria dançá, ‘ou fulano tira, ou fulano tira fulana da sala ou se não eu carrego minhas fia que num dá’. Porque era à toa, gente, gente à toa...”

O perambular das mulheres levianas nos “forrós” o transformava em ambiente impróprio para as moças de família. Havia o medo do contato das moças com as mulheres levianas, pois corria o risco das primeiras ficarem mal faladas, serem

desvirtuadas e caírem ‘na boca do povo’ e atrapalhar o bom casamento que viria no futuro. Neste contexto,

“As *levianas* eram aquelas com quem os *rapazes* namoravam, mas não casam. Deveriam, inclusive, ser evitadas pelas *boas moças* para que estas não fossem atingidas por sua má fama e seus maus exemplos. Já as garotas que se comportassem como *moça de família* seriam respeitadas pelos rapazes e teriam muito mais chances de conseguir um bom casamento.” (BASSANEZI, 2004:612)

Um bom casamento era fruto de um namoro sadio, pois o namoro era considerado um estágio preparatório para o noivado e para o casamento. Neste sentido, um conjunto de regras devia ser observadas, para se construir um namoro que levasse a aprovação dos pais e da sociedade. Conforme o senhor M.G.A.B., “*rapaz, os namoro daquelas época era, era, era, era difícil, era longe um do outro.*”

Esta narrativa do senhor M.G.A.B. nos leva de volta a última fala da senhora J.M.N., ao terceiro momento especificamente, quando ela afirma que no caminho em direção aos “forrós”, sob a espreita da mãe, junto ao namorado fazia algumas ‘besteiras’, a exemplo de pegar na mão dele. Neste campo de ação, convém observar que “o costume não é algo que se impõe de forma completa a um indivíduo; o costume não é sempre semelhante a si mesmo, mais ao contrário, está sempre em mutação.” (ALBUQUERQUE JR., 2007: 125)

Costume, partindo do princípio que o contato físico, através de beijos, abraços e até apertos de mão, não era permitido entre os namorados, sendo esta negação do contato físico, um comportamento a ser adotado, que se impunham ainda pela vontade e necessidade dos pais; necessidade no momento que a própria sociedade cobrava esta educação. Costume ainda, pois esta norma de conduta contra o contato físico entre os namorados se coloca a partir de uma construção histórica. Em um dado momento, não preciso neste caso, observou-se a necessidade de vigiar os comportamentos dos namoros nos “forrós” e no caminhar a estes espaços, com o objetivo de defender a moral, e conseqüentemente, os ‘bons costumes’.

‘Bons costumes’ observados, e ao mesmo tempo negados, apesar de não explicitamente, pelas moças que pretendessem salvaguardar sua boa reputação. Neste âmbito, diante do exposto pela senhora J.M.N., sobre seus deslizamentos de normas e costumes, é interessante notar que a partir da inventividade gestadas pelas experiências, há uma produção e uma confluência de identidades múltiplas. Na medida, que se



identificava com seus anseios e desejos de moça que estava as volta com o namorado, esta senhora, à época jovem, ainda assumia uma proposta identitária ligada à sociedade vigente, um não rompimento direto com os códigos que se colocavam, principalmente a partir da figura feminina da mãe. Seja pelo próprio sentido de pertencimento que produzia para si e/ou para os outros, a senhora J.M.N. não rompeu diretamente com os costumes, o que também não deixou de fazer com que ela propusesse uma maneira eficiente e sutil de assumir seus anseios.

Deste modo, convém comungar com Stuart Hall quando ele afirma,

“O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (HALL, 2006: 13)

A memória em relacionamento com a diversidade cultural, produzida pela pluralidade de subjetividades dos habitantes dos “forrós”, faz emergir maneiras diferentes de perceber a atuação de corpos masculinos e femininos. Desta maneira, paralelamente a posturas rígidas que eram cobradas para as mulheres, diante de uma sociedade regida por normas de condutas firmes, havia momentos em que códigos sociais tidos como masculinos eram flexíveis e até naturalizados diante da atuação das mulheres. Quando, durante a entrevista, perguntado se as moças podiam beber nos “forrós”, o senhor J.G.S. responde afirmativamente, “*Podia, mais agora sim, bibia que fazia gosto.*”

Quando ainda indagado sobre a possibilidade das mulheres também fumarem, este responde com uma nova assertiva, permeada por uma regra dos espaços dos “forrós”,

“Fumava,... fumava. Agora dançano não,... dançano não.

[...]

Se tivesse... e qualqué um que inventasse de fumá, o mestre-sala ia ‘por favô’, aí tirava o cigarro dela.”

Na entrevista da senhora J.M.N. há uma confirmação desta versão do senhor J.G.S., no momento em que ela expõe as bebidas tomadas pelas mulheres, moças; e afirma a ação de fumar por parte dos corpos femininos:

“[...] tinha a ceveja né. É, tinha um ta do melboje, é, muito especial, eu gostava muito do melboje.”  
“É, quem fumava, fumava, que não [...]”

No momento em que o viver em sociedade torna-se uma “profusão cambiante de universos; uma constante mestiçagem de forças delinea cartografias mutáveis e coloca em cheque seus habituais contornos” (ROLNIK, 1997: 19), o borramento de fronteiras entre homens e mulheres se faz evidente. Borramento que se coloca ligado à definição de papéis de homens e mulheres. Neste sentido, ambos os movimentos não se excluem, mas atuam no social, no cultural como fatores produtores de sujeitos diversificados.

Num mesmo espaço, os “forrós” de Baraúna - PB , fronteiras entre os corpos masculinos e femininos são borradas no instante em que estes bebem e fumam sem delimitação de gênero, uma naturalização que convive com outras definições de lugares para o masculino e o feminino nestes mesmos universos dos festejar.

Com relação a pagar pelo divertimento nos “forrós”, os lugares de homens e mulheres eram estabelecidos, “*só pagava os zome, mulé não.*” (J.G.S.). A ‘cota’ se consolidava em taxa que dava passe livre aos homens no salão do “forró” para dançar com quem quisesse; esta era cobrada pelo mestre-sala depois que o “forró” começava e o salão era animado por algumas encenações do dançar. O pagamento da cota por parte dos homens se consolidava em costume, regra tão bem posta à época de 50 e 60, que os pais chegavam a advertir seus filhos. É o que nos narra o senhor C.L.C.,

“Meu pai às vezes dizia... ‘voce vai pá festa, mais, oi, num é pá bebê, num é’, como se diz assim, ‘dançá num me porta que dance não, praque se dançá é festa, agora só tem que eu vou dizer-te uma coisa no dia que pegá num braço duma cavalera só tenha se tive o dinheiro no boço pra pagá, se num tive, num, num é feito... o... você num faça vergonha a seu ninguém no mei de uma sala’, eu digo ‘tá certo’. E puráí agente , como se diz, viveu assim, e...”

Numa conexão histórica, entre os modos de ver e sentir o presente e as maneiras de conceber o passado, os homens ao narrarem suas ações, seus papéis sociais e culturais desempenhados, articulam lugares que foram instituídos para si; todavia, é essencial notar que estes lugares somente puderam ser construídos a partir dos relacionamentos que os corpos masculinos efetivaram com os corpos femininos. Nesta perspectiva, “um gênero só pode ser compreendido se comparado com o outro.” (STEARNS, 2007: 16)

Os papéis a serem desempenhados pelos corpos masculinos e femininos se constroem diante de relacionamentos cotidianos, em meio às definições do que é ser homem e do que é ser mulher em determinada sociedade e elaboração cultural produzida historicamente. Deste modo, no instante em que papéis de gêneros não se definem pela estaticidade, apesar de instituições sociais propostas se colocarem como firmes e não tão favoráveis a mudanças, convém perceber que “o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis [...]” (BAUMAN, 2005: 17)

Com relação ao pagamento da cota por parte dos homens, construiu-se uma norma a ser seguida pelos corpos masculinos, onde caso estes desejassem participar do bailar no salão, com as ‘cavaleiras’ tinham que seguir; inclusive a sociedade não via com bons olhos a tomada de posição contrária. Normas de conduta para o gênero masculino seguidas na década de 50 e 60 foram inscritas nos corpos destes homens, inclusive nos relacionamentos com a comunidade no presente, emergindo essa situação pela oralidade.

Neste sentido, alguns corpos masculinos conseguiram negociar esta instituição normativa com os relacionamentos do presente, chegando a aceitar uma redefinição deste papel a ser desempenhado; outros não se redefiniram, deixando, apesar das negociações produzidas durante os seus territórios de passagens, emergir uma concordância com a norma estabelecida e uma não aprovação da mudança gestada nesta instituição. Segundo o senhor J.G.S.,

“Mulé vei pagá festa aqui quisso é muito errado, viu. Olhe é muito errado esse negócio de numa festa [...] eu quero vê qual é a festa que funciona sem tê mulhé. Num tem não, praquê inté mesmo uma currida de gado só vai se tive mulhé, né não?”

Em meio a lugares diferentes de fala dos corpos masculinos, uns deixando extravasar sentimentos de lealdade a uma norma, apesar de que negociados durante seus relacionamentos com os territórios de passagem que construiu para si; e outros não condenando a mudança dessa regra, o individual e o coletivo se mesclam produzindo experiências múltiplas. Neste contexto,

“Qualquer tentativa de aplacar a inconstância e a precariedade dos planos que homens e mulheres fazem para as suas vidas, e assim explicar essa sensação de desorientação exibindo certezas passadas e textos consagrados, seria tão fútil quanto tentar esvaziar o oceano com um balde.” (BAUMAN, 2005: 9)

As maneiras de comportarem-se diante da sociedade e do meio cultural são diversificadas, nos próprios “forrós” de 50 e 60, esta regra era aceita e protegida pela aprovação da sociedade, e negadas por alguns corpos masculinos, a exemplo do que nos narra o senhor C. L. C., um mestre sala que vivenciou a negação à regra estabelecida,

“Agora tinha um cara, que quando cheguei assim, repara, já era quase uma graça, tinha cara que chegava, que num quiria pagá a cota, aí mudava a camisa, ia lá butava a camisa, ou butava um boné, aí chegava no mei da sala, eu cobrava a cota de dez, doze, quinze, vinte, mais ele achava que ele ia ficá perdido aí pa num pagá a cota [...]”

Esta tática instituída por um corpo masculino nos ajuda a pensar que o pertencimento a aprovação da cota não era regra sem exceção. Nas negociações cotidianas alguns tentavam negar esta norma, por exemplo, deixando a dama no meio do salão na hora da cobrança por que não tinha dinheiro para pagar ou não queriam. Já para outros, isso era, e é, embora que em circunstâncias diferentes, uma vergonha, ‘errado’. Uma multiplicidade de relacionamentos e negociações abre o leque para se pensar os papéis desempenhados por homens e mulheres nos “forrós”. Em meio a estas reflexões, é importante também notar e pensar, uma reflexão apontada por Maria Izilda Matos, quando esta afirma,

“No diálogo constante no campo interdisciplinar dos estudos de gênero, emerge o enfoque cultural na história o que possibilita recuperar outras manifestações passadas da experiência coletiva e individual de mulheres e homens, destacando que o social é historicamente constituído, nele as experiências sociais femininas e masculinas diferenciadas emergem numa condição própria em sociedades específicas. Nesse sentido, é importante observar as diferenças sexuais enquanto construções culturais, lingüísticas e históricas, que incluem relações de poder não localizadas exclusivamente num ponto fixo – o masculino –, mas presente na trama histórica.” (MATOS, 1998: 70)

Cada sociedade constrói para si a partir dos sujeitos que a habitam, experiências diferenciadas, fazendo emergir a necessidade de pensá-las como possibilidade histórica construída socialmente. Os caminhos percorridos pelos corpos atuantes desta sociedade são plurais e por isso cabe ao historiador perguntar sobre estes caminhos, estabelecendo problematizações, análises, reflexões. Pensar a categoria de gênero, neste meio, é desnaturalizar identidades sociais fixas e abrir o leque de possibilidade de percepção de que esta dimensão é relacional.

Partindo do princípio, que na constituição da história somos todos atores representando papéis, cabe ao saber histórico problematizar como estes papéis foram estabelecidos, legitimados e metamorfoseados pelo tempo. Numa perspectiva de gênero, cabe indagar-se sobre os relacionamentos que o masculino e o feminino constroem entre si, e entre o seu meio social plural, que ultrapassa inclusive esta definição do ser homem e do ser mulher.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história.** Bauru, SP: Edusc, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil.** 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 607-639.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memórias de “Histórias femininas, memórias e experiências”. In: PISCITELLI, Adriana (org.) **Cadernos Pagú: Gêneros, narrativas, memórias.** 1997 (8/9). p. 343-354.

MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 67-71.

RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 89-94.

ROLNIK, Suely. **Toxicômanos de identidade: Subjetividade em tempo de globalização.** In: LINS, Daniel S. (org.). Cultura e subjetividade: saberes nômades. Campinas, SP: Papirus, 1997. p. 19-24.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero.** Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.